

# CARTA DE VOLTAIRE A ETIENNE-NOËL DAMILAVILLE

*TRADUÇÃO E COMENTÁRIO*

Trad. Ana Luiza Reis Bedê<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em 1765, Voltaire escreveu ao amigo Damilaville (1723-1768) apresentando as motivações que o levaram a assumir a defesa do comerciante protestante Jean Calas e sua família. Na carta, relatou os principais momentos do caso, os percalços no caminho de sua resolução e abordou o caso Sirven – que o ocuparia logo após obter a vitória no caso Calas. Embora a missiva seja endereçada a um único interlocutor, era na verdade destinada à impressão e distribuição entre o público letrado. Consideramos, por excelência, documento como um manifesto no qual o autor aproveita para discorrer sobre a missão dos filósofos.

**PALAVRAS-CHAVE:** século das Luzes, escândalo jurídico, caso Calas.

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Literatura francesa pela USP e pela Université de Paris IV-Sorbonne – mail : lulibede@uol.com.br

## **LETTRE DE VOLTAIRE À ÉTIENNE-NOËL DAMILAVILLE : TRADUCTION ET COMMENTAIRE**

**RÉSUMÉ :** En 1765, Voltaire a écrit à son ami Damilaville (1723-1768) pour présenter les raisons que l'ont mené à défendre le commerçant protestant Jean Calas et sa famille. Dans cette lettre, Voltaire rapporte les principales étapes de l'affaire, les difficultés rencontrées sur sa route et il aborde l'affaire Sirven que l'occupera après la réussite de l'affaire Calas. Cette missive s'adressait à un seul interlocuteur, néanmoins, elle était destinée à l'impression et à la distribution à destination du public lettré. Il s'agit d'une lettre manifeste par excellence dans laquelle l'auteur choisit de discourir sur la mission des philosophes.

**MOTS-CLÉS :** siècle des Lumières, scandale juridique, affaire Calas.

## **VOLTAIRE E SEU FIEL ESCUDEIRO DAMILAVILLE NA LUTA CONTRA A INTOLERÂNCIA**

No sudoeste da França, na cidade de Toulouse, um homem de 63 anos é acusado de matar o primogênito, de 29, por motivos religiosos. Na fatídica noite de 13 de outubro de 1761, Marc-Antoine Calas é encontrado morto em um dos cômodos de sua residência. Parte da população católica, ao saber do ocorrido, não teve receios ao apontar o pai do rapaz como autor do homicídio. O motivo? Marc-Antoine pretendia, diziam alguns, converter-se ao catolicismo. Para os fanáticos de Toulouse, os protestantes adotavam como regra de conduta o assassinato de seus filhos quando estes demonstravam intenções de converter-se. Se a população atingiria tal grau de delírio, pior era o assentimento das autoridades locais. Tanto para o chefe da polícia, David de Beudrigue, quanto para a maioria dos magistrados do Parlamento de Toulouse, a ideia persistia: Jean Calas matara friamente o filho. Convencidos de antemão sobre a autoria do crime, não seguiram os procedimentos legais em sua investigação. Nenhuma outra hipótese foi apresentada- questões amorosas ou dívida de jogo – ainda que Marc-Antoine costumasse apostar em partidas de bilhar. Fizeram um inquérito espúrio, a vestimenta da vítima não fora analisada e tampouco levaram em conta as condições do local do delito. Uma monitória<sup>2</sup> foi lançada tendo como resultado depoimentos disparatados. Voltaire, com sua pena ferina, ridicularizou os falsos testemunhos: “Todos os devotos quiseram depor; um tinha visto na obscuridade, através do buraco da fechadura da porta, homens correndo; outro tinha ouvido, do fundo de uma casa afastada, do outro lado da rua, a voz de Calas, que se queixava de ter sido estrangulado” (1961,

---

<sup>2</sup> Convocação eclesiástica e judiciária que instava os fiéis a deporem tudo o que sabem a respeito de determinado crime. A omissão de informações seria punida com a excomunhão. Esse procedimento vigora do Antigo Regime à Revolução francesa.

p. 543, tradução nossa). Resumidamente, a condenação de Jean Calas fora baseada em testemunhos auriculares e outros fracos indícios.

A sentença do Parlamento de Toulouse foi a pena capital. A execução fora marcada para uma data próxima, não havendo, assim, a possibilidade de o réu recorrer ao agraciamento do rei Luís XV. No dia 9 de março de 1763, Jean Calas subiu ao cadafalso, e sua pena era das mais cruéis: o suplício da roda<sup>3</sup>. Calas agonizou durante duas horas. Dois padres acompanharam-no até o último momento, à espera de uma confissão. Jean Calas, porém, morreu protestante e afirmando sua inocência. Essa atitude corajosa durante intenso sofrimento, desconcertou os juizes. Estes resolveram, então, absolver os demais envolvidos no suposto crime e encerrar o caso.

Possivelmente essa história cairia no esquecimento. No entanto, Audibert, homem de negócios de Marselha e protestante, visitou Voltaire, então com 67 anos, em sua mansão de Ferney-Voltaire<sup>4</sup> entre os Alpes e o Monte Jura. Contou-lhe o ocorrido e solicitou sua ajuda para esclarecer o caso. O filósofo a princípio não se interessou; não tinha particular simpatia pelos protestantes do Languedoque. Mas sua indiferença logo cedeu lugar à ação e nos três anos que se seguiram, encabeçou uma inédita campanha de esclarecimento da opinião pública. Para tanto, redigiu cartas à burgueses e aristocratas influentes. Obteve apoio da Marquesa de Pompadour na tentativa de convencer Luís XV da gravidade daquele erro jurídico.

Entre seus interlocutores contavam ministros de Estado como Richelieu e Choiseul, cabeças coroadas como Catarina II da Rússia e Frederico II da Prússia. Homem de muitas amizades femininas, solicitou às damas que divulgassem o caso nos salões parisienses. Entre seus amigos em Paris como Diderot, D'Alembert, Helvétius, D'Argental e o alto funcionário da secretaria de imposto mo<sup>5</sup> Damilaville. Esse seleto grupo era conhecido como “Partido dos filósofos” e, como reminiscência do Novo Testamento, Voltaire referia-se aos seus integrantes como “irmãos” ou “pequeno rebanho”. Da mesma forma, referia-se às ideias contra a intolerância como “Evangelho”. Nos anos em que lutou pela reabilitação de Jean Calas, o emprego de metáforas bíblicas em sua correspondência foi frequente. Entre os motivos deste uso, apontamos o desejo de dessacralizar o texto sagrado.

Além das centenas de cartas redigidas para divulgar o caso Calas, Voltaire escreveu também as *Peças Originais* que consistiam em cartas escritas em nome dos familiares de Jean Calas. Além disso, o *Tratado sobre a tolerância* (1763) teve papel fundamental na batalha voltairiana. Quando a obra foi proibida, muitas traduções já corriam a Europa. O caso Calas, graças a Voltaire, tornou-se internacional.

Sob forte pressão, o conselho do rei cassou a sentença contra o comerciante de Toulouse e solicitou as peças do processo para novo julgamento. Em 9 de março

<sup>3</sup> Trata-se de colocar o acusado em forma de cruz sobre uma roda. As mãos e os pés são presos por cordas. Posteriormente, o carrasco quebra os membros do supliciado com barras de ferro.

<sup>4</sup> Em 1999, a mansão de Ferney foi comprada pelo Estado francês e a cidade passou a chamar-se Ferney-Voltaire.

<sup>5</sup> Trata-se de um imposto que cobra 5% do salário, daí o nome “vigésimo”.

de 1765, exatamente três anos após sua morte, Jean Calas foi reabilitado. Sua viúva, além de receber pensão, obteve o direito de processar os juízes do caso. No final de seu *Tratado*, Voltaire, após percorrer diferentes períodos da história universal a fim de mostrar que a intolerância só gerou ódios e massacres, teceu um comentário alvissareiro:

Sabemos que se trata de uma só família e que o rancor das seitas fez perecer milhares; mas hoje uma sombra de paz deixa repousar todas as sociedades cristãs, após séculos de carnificina, é nesse tempo de tranquilidade que a infelicidade dos Calas deve provocar maior impressão, mais ou menos como o trovão irrompendo na serenidade de um belo dia (VOLTAIRE, 2017, p. 103).

Entre as cartas de Voltaire durante a batalha para obter justiça no caso Calas, muitas foram endereçadas a Étienne-NoëlDamilaville (1723-1768). O cargo que ocupava na Secretaria de Imposto permitia-lhe enviar correspondências com selos oficiais, abrigando-as da censura. Simpático às ideias dos enciclopedistas, tornou-se amigo de Diderot e também de Voltaire, com quem manteve correspondência assídua por anos. Graças à ocupação, Damilaville enviava a Ferney-Voltaire obras solicitadas pelo patriarca e deste recebia cartas e manuscritos que eram distribuídos entre os filósofos. O papel desempenhado por Damilaville para auxiliar Voltaire em sua luta para esclarecer questões jurídicas foi decisivo. Voltaire reiterava as demonstrações de amizade com esse obscuro parisiense e o homenageava ao tratá-lo como filósofo. Damilaville faleceu em 1768. Para diferentes interlocutores, Voltaire lamentou a perda do grande amigo e colaborador.

A carta de 1º de março, reproduzida no original abaixo, seguida de uma tradução, representa um dos belos momentos da eloquência voltairiana.

### TEXTO ORIGINAL

*Premier mars 1765, au château de Ferney,*

J'ai dévoré, mon cher ami, le nouveau mémoire de M. de Beaumont sur l'innocence des Calas ; je l'ai admiré, j'ai répandu des larmes, mais il ne m'a rien appris ; il y a longtemps que j'étais convaincu ; et j'avais eu le bonheur de fournir les premières preuves.

Vous voulez savoir comment cette réclamation de toute l'Europe contre le meurtre juridique du malheureux Calas, roué à Toulouse, a pu venir d'un petit

coin de terre ignoré, entre les Alpes et le Mont-Jura, à cent lieues du théâtre où se passa cette scène épouvantable.

Rien ne fera peut-être mieux voir la chaîne insensible qui lie tous les événements de ce malheureux monde.

Sur la fin de mars 1762, un voyageur qui avait passé par le Languedoc, et qui vint dans ma retraite à deux lieues de Genève, m'apprit le supplice de Calas, et m'assura qu'il était innocent. Je lui répondis que son crime n'était pas vraisemblable, mais qu'il était moins vraisemblable encore que des juges eussent, sans aucun intérêt, fait périr un innocent par le supplice de la roue.

J'appris le lendemain qu'un des enfants de ce malheureux père s'était réfugié en Suisse, assez près de ma chaumière. Sa fuite me fit présumer que la famille était coupable. Cependant je fis réflexion que le père avait été condamné au supplice comme ayant seul assassiné son fils pour la religion, et que ce père était mort âgé de soixante-neuf ans. Je ne me souviens pas d'avoir jamais lu qu'aucun vieillard eût été possédé d'un si horrible fanatisme. J'avais toujours remarqué que cette rage n'attaquait d'ordinaire que la jeunesse, dont l'imagination ardente, tumultueuse, et faible s'enflamme par la superstition. Les fanatiques des Cévennes étaient des fous de vingt à trente ans, stylés à prophétiser dès l'enfance. Presque tous les convulsionnaires que j'avais vu à Paris en très grand nombre étaient de petites filles et de jeunes garçons. Les vieillards chez les moines sont moins emportés, et moins susceptibles des fureurs du zèle, que ceux qui sortent du noviciat. Les fameux assassins, armés par le fanatisme, ont tous été de jeunes gens, de même que tous ceux qui ont prétendu être possédés ; jamais on n'a vu exorciser un vieillard. Cette idée me fit douter d'un crime qui d'ailleurs n'est guère dans la nature. J'en ignorais les circonstances.

Je fis venir le jeune Calas chez moi. Je m'attendais à voir un énergumène tel que son pays en a produit quelquefois. Je vis un enfant simple, ingénu, de la physionomie la plus douce et la plus intéressante, et qui, en me parlant, faisait des efforts inutiles pour retenir ses larmes. Il me dit qu'il était à Nîmes en apprentissage chez un fabricant, lorsque la voix publique lui avait appris qu'on allait condamner dans Toulouse toute sa famille au supplice, que presque tout le Languedoc la croyait coupable, et que, pour se dérober à des opprobres si affreux, il était venu se cacher en Suisse.

Je lui demandai si son père et sa mère étaient d'un caractère violent : il me dit qu'ils n'avaient jamais battu un seul de leurs enfants, et qu'il n'y avait point de parents plus indulgents et plus tendres.

J'avoue qu'il ne m'en fallut pas davantage pour présumer fortement l'innocence de la famille. Je pris de nouvelles informations de deux négociants de Genève, d'une probité reconnue, qui avaient logé à Toulouse chez Calas. Ils me confirmèrent dans mon opinion. Loin de croire la famille Calas fanatique et parricide, je crus voir que c'étaient des fanatiques qui l'avaient accusée et perdue. Je savais depuis longtemps de quoi l'esprit de parti et la calomnie sont capables.

Mais quel fut mon étonnement lorsque, ayant écrit en Languedoc sur cette étrange aventure, catholiques et protestants me répondirent qu'il ne fallait pas douter du crime des Calas ! Je ne me rebutai point. Je pris la liberté d'écrire à ceux mêmes qui avaient gouverné la province, à des commandants de provinces voisines, à des ministres d'Etat ; tous me conseillèrent unanimement de ne me point mêler d'une si mauvaise affaire ; tout le monde me condamna, et je persistai : voici le parti que je pris.

La veuve de Calas, à qui, pour comble de malheur et d'outrage, on avait enlevé ses filles, était retirée dans une solitude où elle se nourrissait de ses larmes, et où elle attendait la mort. Je ne m'informai point si elle était attachée ou non à la religion protestante, mais seulement si elle croyait un Dieu rémunérateur de la vertu et vengeur des crimes. Je lui fis demander si elle signerait au nom de ce Dieu que son mari était mort innocent ; elle n'hésita pas. Je n'hésitai pas non plus. Je priai M. Mariette de prendre au conseil du roi sa défense. Il fallait tirer madame Calas de sa retraite, et lui faire entreprendre le voyage de Paris.

On vit alors que s'il y a de grands crimes sur la terre, il y a autant de vertus ; et que si la superstition produit d'horribles malheurs, la philosophie les répare.

Une dame dont la générosité égale la haute naissance, qui était alors à Genève pour faire inoculer ses filles, fut la première qui secourut cette famille infortunée. Des Français retirés en ce pays la secondèrent ; des Anglais qui voyageaient se signalèrent ; et, comme dit M. de Beaumont, il y eut un combat de générosité entre ces deux nations, à qui secourrait le mieux la vertu si cruellement opprimée.

Le reste, qui le sait mieux que vous ? Qui a servi l'innocence avec un zèle plus constant et plus intrépide ? Combien n'avez-vous pas encouragé la voix des orateurs, qui a été entendue de toute la France et de l'Europe attentive ? Nous avons vu renouveler les temps où Cicéron justifiait, devant une assemblée de législateurs, Amerinus accusé de parricide. Quelques personnes, qu'on appelle *dévotes*, se sont élevées contre les Calas ; mais, pour la première fois depuis l'établissement du fanatisme, la voix des sages les a fait taire.

La raison remporte donc de grandes victoires parmi nous ! Mais croiriez-vous, mon cher ami que la famille des Calas, si bien secourue, si bien vengée, n'était pas la seule alors que la religion accusât d'un parricide, n'était pas la seule immolée aux fureurs du préjugé ? Il y en a une plus malheureuse encore, parce qu'éprouvant les mêmes horreurs, elle n'a pas eu les mêmes consolations ; elle n'a point trouvé des Mariette, des Beaumont, et des Loiseau.

Il semble qu'il y ait dans le Languedoc une furie infernale amenée autrefois par les inquisiteurs à la suite de Simon de Montfort, et que depuis ce temps elle secoue quelquefois son flambeau.

Un feudiste de Castres, nommé Sirven, avait trois filles. Comme la religion de cette famille est la prétendue réformée, on enlève, entre les bras de sa femme, la plus jeune de leurs filles. On la met dans un couvent, on la fouette pour lui mieux apprendre son catéchisme ; elle devient folle, elle va se jeter dans un puits, à une

lieue de la maison de son père. Aussitôt les zélés ne doutent pas que le père, la mère et les sœurs n'aient noyé cette enfant. Il passait pour constant, chez les catholiques de la province, qu'un des points capitaux de la religion protestante est que les pères et mères sont tenus de pendre, d'égorger ou de noyer tous leurs enfants qu'ils soupçonneront avoir quelque penchant pour la religion romaine. C'était précisément le temps où les Calas étaient aux fers, et où l'on dressait leur échafaud.

L'aventure de la fille noyée parvient incontinent à Toulouse. Voilà un nouvel exemple, s'écrie-t-on, d'un père et d'une mère parricides. La fureur publique s'en augmente ; on roue Calas, et on décrète Sirven, sa femme et ses filles. Sirven épouvanté n'a que le temps de fuir avec toute sa famille malade. Ils marchent à pied, dénués de tout secours, à travers des montagnes escarpées, alors couvertes de neige. Une de ses filles accouche parmi les glaçons ; et, mourante, elle emporte son enfant mourant dans ses bras : ils prennent enfin leur chemin vers la Suisse.

Le même hasard qui m'amena les enfants de Calas veut encore que les Sirven s'adressent à moi. Figurez-vous, mon ami, quatre moutons que des bouchers accusent d'avoir mangé un agneau. Voilà ce que je vis ; il m'est impossible de vous peindre tant d'innocence et tant de malheurs. Que devais-je faire, et qu'eussiez-vous fait à ma place ? Faut-il s'en tenir à gémir sur la nature humaine ? Je prends la liberté d'écrire à monsieur le premier président de Languedoc, homme vertueux et sage ; mais il n'était point à Toulouse. Je fais présenter par un de vos amis un placet à monsieur le vice-chancelier. Pendant ce temps-là, on exécute vers Castres, en effigie, le père, la mère, les deux filles ; leur bien est confisqué, dévasté, il n'en reste plus rien.

Voilà toute une famille honnête, innocente, vertueuse, livrée à l'opprobre et à la mendicité chez les étrangers : ils trouvent de la pitié, sans doute ; mais qu'il est dur d'être jusqu'au tombeau un objet de pitié ! On me répond enfin qu'on pourra leur obtenir des lettres de grâce. Je crus d'abord que c'était de leurs juges qu'on me parlait, et que ces lettres étaient pour eux. Vous croyez bien que la famille aimerait mieux mendier son pain de porte en porte, et expirer de misère, que de demander une grâce qui supposerait un crime trop horrible pour être gracieable ; mais aussi comment obtenir justice ? Comment s'aller remettre en prison dans sa patrie où la moitié du peuple dit encore que le meurtre de Calas était juste ? Ira-t-on une seconde fois demander une évocation au conseil ? Tentera-t-on d'émouvoir la pitié publique, que l'infortune des Calas a peut-être épuisée, et qui se lassera d'avoir des accusations de parricide à réfuter, des condamnés à réhabiliter, et à des juges à confondre ?

Ces deux événements tragiques, arrivés coup sur coup, ne sont-ils pas, mon ami, des preuves de cette fatalité inévitable à laquelle notre misérable espèce est soumise ? Vérité terrible, tant enseignée dans Homère et dans Sophocle ; mais vérité utile, puisqu'elle nous apprend à nous résigner et à savoir souffrir.

Vous dirai-je que, tandis que le désastre étonnant des Calas et des Sirven affligeait ma sensibilité, un homme, dont vous devinez l'état à ses discours, me reprocha l'intérêt que je prenais à deux familles qui m'étaient étrangères ? De quoi vous mêlez-vous ? me dit-il ; laissez les morts ensevelir leurs morts. Je lui répondis : J'ai trouvé dans mes déserts l'Israélite baigné dans son sang, souffrez que je répande un peu d'huile et de vin sur ses blessures : vous êtes lévite, laissez-moi être Samaritain. Il est vrai que pour prix de mes peines on m'a bien traité en Samaritain ; on a fait un libelle diffamatoire sous le nom d'*instruction pastorale et de mandement* ; mais il faut l'oublier, c'est un jésuite qui l'a composé. Le malheureux ne savait pas alors que je donnais un asile à un jésuite. Pouvais-je mieux prouver que nous devons regarder nos ennemis comme nos frères.

Vos passions sont l'amour de la vérité, l'humanité, la haine de la calomnie. La conformité de nos caractères a produit notre amitié. J'ai passé ma vie à chercher, à publier cette vérité que j'aime. Quel autre des historiens modernes a défendu la mémoire d'un grand prince contre les impostures atroces de je ne sais quel écrivain qu'on peut appeler le *calomniateur des rois, des ministres, et des grands capitaines*, et qui cependant aujourd'hui ne peut trouver un lecteur ?

Je n'ai donc fait, dans les horribles désastres des Calas et des Sirven, que ce que font tous les hommes ; j'ai suivi mon penchant. Celui d'un philosophe n'est pas de plaindre les malheureux, c'est de les servir.

Je sais avec quelle fureur le fanatisme s'élève contre la philosophie. Elle a deux filles qu'il voudrait faire périr comme Calas, ce sont la Vérité et la Tolérance ; tandis que la philosophie ne veut que désarmer les enfants du fanatisme, le Mensonge et la Persécution.

Des gens qui ne raisonnent pas ont voulu décréditer ceux qui raisonnent : ils ont confondu le philosophe avec le sophiste ; ils se sont bien trompés. Le vrai philosophe peut quelquefois s'irriter contre la calomnie, qui le poursuit lui-même ; il peut couvrir d'un éternel mépris le vil mercenaire qui outrage deux fois par mois la raison, le bon goût, et la vertu : il peut même livrer, en passant, au ridicule ceux qui insultent à la littérature dans le sanctuaire où ils auraient dû l'honorer : mais il ne connaît ni les cabales, ni les sourdes pratiques, ni la vengeance. Il sait, comme le sage de Montbar, comme celui de Vore rendre la terre plus fertile, et ses habitants plus heureux. Le vrai philosophe défriche les champs incultes, augmente le nombre des charrues, et par conséquent des habitants ; occupe le pauvre et l'enrichit ; encourage les mariages, établit l'orphelin ; ne murmure point contre des impôts nécessaires, et met le cultivateur en état de les payer avec allégresse. Il n'attend rien des hommes, et il leur fait tout le bien dont il est capable. Il a l'hypocrite en horreur, mais il plaint le superstitieux ; enfin il sait être ami.

Je m'aperçois que je fais votre portrait, et qu'il n'y manquerait rien si vous étiez assez heureux pour habiter la campagne.



## TRADUÇÃO

Primeiro de março de 1765, no castelo de Ferney

Devorei, meu caro amigo, o novo memorial do Senhor de Beaumont<sup>6</sup> sobre a inocência dos Calas. Admirei-o, derramei lágrimas, mas ele não me ensinou nada; há muito tempo que estou convencido, e tive a felicidade de fornecer as primeiras provas.

Quereis saber como essa reclamação de toda a Europa contra o assassinato jurídico do infeliz Calas, supliciado em Toulouse, pôde vir de um pequeno canto da terra ignorado, entre os Alpes e o Monte Jura, a cem léguas do teatro onde se passou essa cena abominável.

Talvez, nada fará ver melhor a cadeia insensível que liga todos os acontecimentos deste mundo infeliz.

No fim de março de 1762, um viajante que tinha passado pelo Languedoque, e que veio no meu refúgio a duas léguas de Genebra, informou-me sobre o suplício de Calas e assegurou-me que ele era inocente. Respondi-lhe que seu crime não era verossímil, mas que seria menos verossímil ainda que juízes tivessem, sem interesse algum, mandado matar um inocente por meio do suplício da roda.

Soube no dia seguinte que um dos filhos desse pai infeliz tinha se refugiado na Suíça perto da minha choupana<sup>7</sup>. Sua fuga me fez presumir que a família era culpada. No entanto, logo refleti que o pai tinha sido condenado ao suplício como tendo assassinado sozinho seu filho, pela religião, e que esse pai morreu aos sessenta e nove anos<sup>8</sup>. Não me lembro de ter lido alguma vez de algum ancião que tivesse sido possuído por tão horrível fanatismo. Sempre notei que esta raiva só atacava, em geral, a juventude, de quem a imaginação ardente e fraca, inflama-se pela superstição. Os fanáticos das Cevenas<sup>9</sup> eram loucos de vinte a trinta anos, ensinados a profetizar desde a infância. Quase todos os convulsionários<sup>10</sup> que eu havia visto em Paris em grande número, eram meninas e jovens rapazes. Os anciãos, entre os monges, são menos enfurecidos e menos suscetíveis pelos furores do zelo do que aqueles que saem do noviciado. Os famosos assassinos, armados pelo fanatismo, eram todos jovens, da mesma forma todos aqueles que pretendiam ser possuídos; jamais se viu exorcizar um velho. Essa ideia me fez duvidar de um crime que aliás não se encontra na natureza. Ignorava as circunstâncias dele.

<sup>6</sup> Élie de Beaumont, brilhante advogado. Obteve renome internacional com seu memorial em defesa da família Calas em 1762.

<sup>7</sup> Voltaire com frequência se referia à sua mansão em Ferney como “cabana”, “refúgio” ou “cantinho”.

<sup>8</sup> Jean Calas nasceu em 1698. Ao morrer, em 1762, ainda não completara 64 anos. Voltaire costumava aumentar a idade do comerciante, possivelmente para tornar o crime ainda menos verossímil.

<sup>9</sup> Região no centro-sul da França. Foi palco de revolta dos protestantes após o Édito de Fontainebleau. Os rebeldes foram deportados ou massacrados e tornaram-se símbolos da resistência protestante.

<sup>10</sup> Refere-se aos fanáticos jansenistas.

Mandei vir o jovem Calas<sup>11</sup> à minha casa. Esperava ver um energúmeno como alguns que sua terra produziu. Vi um menino simples, ingênuo, da mais doce e simpática fisionomia e que, falando-me, fazia esforços inúteis para reter as lágrimas. Disse-me que estava em Nimes, em aprendizado na loja de um fabricante, quando a voz pública informou-lhe que em Toulouse iam condenar toda sua família ao suplício; que quase todo o Languedoque a considerava culpada, e que para subtrair-se desse opróbrio terrível, ele viera esconder-se na Suíça.

Perguntei-lhe se seu pai e sua mãe eram de temperamento violento: disse-me que eles nunca tinham batido um único de seus filhos, e que não existiam pais mais indulgentes e mais ternos.

Confesso que não foi necessário mais nada para presumir fortemente a inocência da família. Obtive novas informações de dois negociantes de Genebra, de uma probidade reconhecida, que tinham ficado em Toulouse na casa dos Calas. Confirmaram a minha opinião. Longe de acreditar que a família Calas fosse fanática e parricida<sup>12</sup>, convenci-me de que eram fanáticos aqueles que os tinham acusado e abandonado. Sabia havia muito tempo do que o espírito partidário e a calúnia eram capazes.

Mas qual não foi minha surpresa quando, tendo escrito no Languedoque sobre essa estranha aventura, católicos e protestantes responderam-me que não devíamos duvidar do crime dos Calas. Não me desencorajei. Tomei a liberdade de escrever àqueles mesmos que tinham governado a cidade, aos governantes das cidades vizinhas, aos ministros de Estado: todos me aconselharam unanimemente que não me metesse em tão mau negócio; todo mundo condenou-me, e eu persisti. Eis o partido que tomei.

A viúva de Calas, a quem por cúmulo de infelicidade e ultraje tinham retirado as filhas, vivia reservada na solidão na qual se alimentava de lágrimas e na qual esperava a morte. Não me informei se estava ligada ou não à religião protestante, mas somente se ela acreditava em um Deus remunerador da virtude e vingador das lágrimas. Mandei-lhe perguntar se assinaria, em nome de Deus, que seu marido morreu inocente: ela não hesitou. Não hesitei também. Supliquei ao senhor Mariette<sup>13</sup> de assumir sua defesa no conselho do rei. Era preciso retirar a senhora Calas de seu refúgio, e fazer-lhe empreender a viagem a Paris.

Vimos, então, que se há grandes crimes sobre a Terra, há um tanto de virtudes; e que se a superstição produz horríveis infelicidades, a filosofia as conserta.

Uma dama, da qual a generosidade iguala o alto nascimento<sup>14</sup>, que estava então em Genebra para inocular suas filhas, foi a primeira que socorreu essa família infortunada; franceses, voltando a esse país, ajudaram os Calas. Viajantes ingleses

<sup>11</sup> Donat Calas, o mais jovem dos filhos homens, ausente na noite do crime.

<sup>12</sup> Plácido e Silva, em seu *Dicionário Jurídico*, explica-nos: “Tomando [...] *parens*, no sentido de parentes, outrora parricídio exprimia todo homicídio na pessoa de um ascendente pelo descendente, como do descendente pelo ascendente” (1936, pp. 1112-1123).

<sup>13</sup> Pierre Mariette. Jovem e brilhante advogado de Paris, foi também decisivo na defesa da família Calas.

<sup>14</sup> Trata-se da Duquesa d’Enville, amiga de escritores e filósofos.

também contribuíram; e como diz o senhor de Beaumont, houve um combate de generosidade entre essas duas nações para ver quem socorreria melhor a virtude tão cruelmente oprimida.

O resto, quem sabe melhor do que vós? Quem serviu a inocência com zelo mais constante e mais intrépido? Quanto encorajastes a voz dos oradores que foi escutada em toda a França e na Europa atenta? Vimos renovar os tempos no qual Cícero defendia Amerinus, acusado de parricídio, diante de uma assembleia de legisladores. Algumas pessoas que chamamos *devotas*<sup>15</sup> ergueram-se contra os Calas; mas, pela primeira vez, desde o estabelecimento do fanatismo, a voz dos sábios os fez calar.

A razão obtém grandes vitórias entre nós! Mas creríeis, meu caro amigo, que a família Calas tão bem socorrida, tão bem vingada, não era a única então que a religião acusara de um parricídio, não era a única imolada aos furores do preconceito. Há uma ainda mais infeliz, porque provando os mesmos horrores, não teve as mesmas consolações: não encontrou um Mariette, um Beaumont, e um Loyseau<sup>16</sup>.

Parece que há no Languedoque uma fúria infernal levada outrora pelos inquisidores de Simon de Montfort, e que desde esse tempo sacode às vezes sua flama.

Um agrimensor de Castres, chamado Sirven, tinha três filhas. Como a religião dessa família era dita reformada, retiraram, dos braços de sua mulher, a mais jovem de suas filhas. Colocaram-na em um convento e chicotearam-na para melhor aprender seu catecismo: ela enlouqueceu e jogou-se em um poço a uma légua da casa do pai. Em seguida, os zelosos não duvidaram que o pai, a mãe e as irmãs tinham afogado essa menina. Passava como ponto pacífico, entre os católicos da província, que um dos pontos capitais da religião protestante consistia no fato de os pais e as mães terem como norma, enforcar, degolar ou afogar todos os seus filhos suspeitos de ter alguma inclinação pela religião romana. Era precisamente o tempo no qual os Calas estavam nos ferros, e onde ergueram seu cadafalso.

O episódio da moça afogada chegou imediatamente a Toulouse. Eis um novo exemplo: gritaram sobre um pai e uma mãe parricidas. O furor público aumentou; matamos os Calas na roda, e condenamos Sirven, sua mulher e suas filhas. Sirven, apavorado, só teve o tempo de fugir com sua família doente. Andaram a pé, privados de qualquer socorro, através das montanhas escarpadas, então cobertas de neve. Uma das filhas, deu aluz entre pedras de gelo; e morrendo, ela carrega seu filho moribundo nos braços. Eles tomam enfim o caminho em direção à Suíça.

O mesmo acaso que me trouxe os filhos de Calas, quis ainda que os Sirvense dirigissem a mim. Imaginai, meu amigo, quatro carneiros que açougueiros acusaram de ter comido um cordeiro. Eis o que vi: é impossível vos pintar tanta inocência e tantas infelicidades. O que eu deveria fazer? E o que faríeis vós em meu lugar? Seria preciso permanecer gemendo pela natureza humana? Tomei a liberdade de escrever ao senhor primeiro presidente do Languedoque, homem virtuoso e sábio:

---

<sup>15</sup> Grifo de Voltaire.

<sup>16</sup> Também advogado dos Calas.

mas ele não estava em Toulouse. Mandei apresentar por um de vossos amigos um *placet*<sup>17</sup> ao senhor vice-chanceler<sup>18</sup>. Em Castres, durante esse período, executam em efígie o pai, a mãe, as duas filhas; seus bens foram confiscados, destruídos, não sobrou mais nada.

Eis uma família inteira honesta, inocente, virtuosa, entregue ao opróbrio e à mendicância entre os estrangeiros. Eles encontraram piedade, sem dúvida, mas como é duro seguir até o túmulo como objeto de piedade! Responderam-me enfim que poderíamos obter cartas de agradecimento. Pensei em um primeiro momento que falavam de seus juízes, e que essas cartas eram para eles. Credes que a família preferiria mendigar seu pão de porta em porta, e expirar de miséria, que pedir uma graça que suporia um crime a tal ponto horrível para ser agraciado; mas também, como obter justiça? Como voltar e ser encarcerado em sua pátria onde metade do povo diz ainda que a morte de Calas fora justa? Iriam uma segunda vez solicitar uma revisão do caso<sup>19</sup> ao Conselho? Tentariam tocar piedade pública que o infortúnio dos Calas talvez tenha exaurido, e que cansará de ter acusações de paricídio para refutar, condenados a reabilitar, e de juízes para acusar?

Esses dois eventos trágicos ocorridos um seguido do outro, não são, meu amigo, provas dessa fatalidade inevitável à qual nossa miserável espécie está submetida? Uma verdade terrível tanto ensinada em Homero e em Sófocles, mas uma verdade útil, porque nos ensina a resignar-nos e a saber sofrer.

Dir-vos -ei que enquanto o desastre surpreendente dos Calas e dos Sirven afligia minha sensibilidade, um homem<sup>20</sup> que presumis quem é por seu discurso repreendeu-me o interesse que eu dispensava pelas duas famílias que me eram estranhas! “Em que vos meteis?”, disse-me; “deixai os mortos enterrar seus mortos.” Respondi-lhe: “encontrei nos meus desertos o israelita banhado em sangue; permiti que eu derrame um pouco de óleo e de vinho sobre suas feridas: sois levita; deixai que eu seja Samaritano<sup>21</sup>”.

É verdade que, pelo preço de minhas penas, chamaram-me de Samaritano; fizeram um libelo difamatório sob o nome de instrução pastoral e de mandamento; mas é preciso esquecê-lo; é um jesuíta que o compôs. O infeliz não sabia então que eu dava asilo a um jesuíta. Poderia eu oferecer melhores provas de que devemos olhar nossos inimigos como irmãos?

Vossas paixões são o amor da verdade, da humanidade, o ódio da calúnia. A conformidade de nossos caracteres produziu nossa amizade. Passei minha vida a procurar, a publicar essa verdade que amo. Qual outro dos historiadores modernos defendeu a memória de um grande príncipe<sup>22</sup> contra as imposturas atroz de

<sup>17</sup> Aqui no sentido de requisição.

<sup>18</sup> Encarregado da administração da justiça.

<sup>19</sup> No original “évocation”. Fizemos uma tradução livre do sentido.

<sup>20</sup> Possivelmente o jesuíta que Voltaire abrigava em sua mansão.

<sup>21</sup> Lucas X, 25-37.

<sup>22</sup> Trata-se do Príncipe Regente.

um certo escritor que podemos chamar de o *caluniador dos reis, dos ministros, e dos grandes capitães*<sup>23</sup>, e que, no entanto, hoje não pode encontrar um leitor?

Só fiz, nos horríveis desastres de Calas e dos Sirven, o que fazem todos os homens; segui minha inclinação. A inclinação de um filósofo não é de lamentar os infelizes, mas de servi-los.

Sei com qual furor o fanatismo elevou-se contra a Filosofia. Ela tem duas filhas quequeria mandar matar como Calas, a Verdade e a Tolerância; enquanto a Filosofia só quer desarmar as filhas do fanatismo, a Mentira e a Perseguição.

Pessoas que não raciocinam quiseram desacreditar aqueles que raciocinam: eles confundiram o filósofo com o sofista; enganaram-se bastante. O verdadeiro filósofo pode algumas vezes irritar-se contra a calúnia, que o persegue; pode cobrir de um eterno desprezo o vil mercenário que ultraja duas vezes por mês<sup>24</sup> a razão, o bom gosto e a virtude: ele pode até lançar, *en passant*, ao ridículo, aqueles que insultam a literatura noseu santuário<sup>25</sup> onde deveriam honrá-la: mas ele não conhece nem as cabalas, nem as práticas surdas, nem a vingança. Ele sabe, como o sábio de Montbar<sup>26</sup>, como o de Vore<sup>27</sup>, tornar a terra mais fértil, e seus habitantes mais felizes. O verdadeiro filósofo explora os campos incultos, aumenta o número de arados, e por consequência, de habitantes; ocupa o pobre e o enriquece; encoraja os casamentos, ampara o órfão; não murmura contra os impostos necessários, e coloca o cultivador em condições de pagá-lo com satisfação. Não espera nada dos homens, e faz-lhe todo o bem do qual é capaz. Ele abomina o hipócrita, mas lamenta o supersticioso; enfim, ele sabe ser amigo.

Percebo que fiz vosso retrato e que não faltaria nada se fôsseis suficientemente feliz para morar no campo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PLÁCIDO E SILVA. *Dicionário Jurídico*. Rio de Janeiro, São Paulo: Edições Forenses, 1936.

VOLTAIRE. *Mélanges*. Préface de Emmanuel Berl. Texte établi et notes de Jacques Van Den Heuvel. Paris : Gallimard, 1961.

<sup>23</sup> Grifo de Voltaire. As “imposturas atrozes”, segundo uma nota da edição Pléiade (1981), diz respeito a rumores difundidos por La Beaumelle segundo os quais o duque de Orléans mandara envenenar membros da família real.

<sup>24</sup> Trata-se do jornalista Élie Fréron diretor de *Année Littéraire* – revista que atacava os filósofos e os enciclopedistas.

<sup>25</sup> Refere-se ao discurso de Pompignan na Academia.

<sup>26</sup> Buffon.

<sup>27</sup> Helvétius.

VOLTAIRE. *Correspondance (jan.1763—mars1765)*. Texto estabelecido e notas de Theodore Besterman. Notas traduzidas por Frédéric Deloffre. Paris: Gallimard, 1981.

VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância*. Tradução de Ana Luiza Reis Bedê. São Paulo: Martin Claret, 2017.